

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA**

Anoellen Oliveira dos Santos

**TRAJETÓRIAS DE VIDAS DAS ALUNAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS EM DUAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

São Gonçalo

2010

Anoellen Oliveira dos Santos

**TRAJETÓRIAS DE VIDAS DAS ALUNAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS EM DUAS ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Doutora Regina de Fatima de Jesus

São Gonçalo
Março
2010
Anoellen Oliveira dos Santos

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Aprovada em: _____
Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Regina de Fatima de Jesus (Orientadora)

Prof^a. Dr^a Inês Ferreira de Souza Bragança

São Gonçalo
Março
2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àquela que me apoiou nesse percurso tão difícil, foram tantas as diversidades que até pensei em desistir, mas com muito amor e carinho da minha avó Yeda Ferreira Lisboa consegui realizar esta pesquisa. Obrigada pelos conselhos e o apoio incondicional que foram um estímulo nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTO

A Deus por permitir a realização desta pesquisa, me dando confiança e determinação.

A minha família, em que cada um/a a sua maneira colaborou na realização desta pesquisa.

Agradeço as minhas amigas/colegas da FFP: Natalia Assunção e Keylla Corrêa que me ajudaram indiretamente na realização desse trabalho.

Agradeço a minha amiga/irmã Maria Elzilene de Moraes por trilhar comigo os meus sonhos, pois em todos os momentos da pesquisa ela estava ao meu lado dando força, conselhos e me estimulando a não desistir deste trabalho.

Agradeço minha amiga Isabella Amaral por ter paciência e compreensão comigo, pois tive momentos em que só falava sobre este trabalho e ela gentilmente ouvindo minhas lamúrias, mas também quero agradecer pelos textos que me disponibilizou sobre histórias de vida.

Agradeço ao meu irmão William Cunha dos Santos Filho, que durante todo esse percurso me incentivou a continuar a lutar pela pesquisa.

Agradeço as alunas: Lucilene, Marcelle, Fabiane, Maria Inês, Carmem, Dalva, Ana e Maria Núbia pela oportunidade de fazer parte das suas vidas e pela participação na pesquisa.

Agradeço às direções do Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno e da Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração por contribuírem com a pesquisa.

Agradeço à minha orientadora Regina de Fatima de Jesus pelo apoio e dedicação.

E não podendo me esquecer de agradecer aos meus santos de devoção que nas horas das dificuldades iluminaram e guiaram os meus caminhos são eles: São Judas Tadeu, São Cosme e Damião e São Jorge, que me ajudarem a conquistar mais uma vitória na minha vida. Obrigada!!!

EPIÍGRAFE

A memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas.

(Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos.)

RESUMO

Nessa pesquisa busco analisar diferenças e as semelhanças entre duas instituições da rede estadual de ensino que oferecem a modalidade de ensino – Educação de Jovens e Adultos (EJA). São elas: a Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração e o Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno. Além desta análise, trago a um diálogo reflexivo as trajetórias de vida da alunas da Educação de Jovens e Adultos dessas instituições. Ao escolher trabalhar com as histórias de vida das mulheres que cursam a Educação de Jovens e Adultos, me propus compreender suas narrativas de vida a partir de algumas temáticas que possibilitam melhor entender o pertencimento à EJA: o processo de escolarização, as relações familiares, as perspectivas futuras. As temáticas me ajudaram a compreender as necessidades e as dificuldades que as alunas enfrentavam no seu cotidiano para realizar seu sonho de apreender a ler e a escrever e se escolarizar tardiamente. Esta pesquisa me possibilitou perceber que essas mulheres que decidiram estudar nesta modalidade de ensino estão à procura de autonomia e de cidadania que é negada pela sociedade, pois mesmo sendo um direito assegurado pela Constituição, muitas não conseguem exercer e ainda têm que lutar para superar estigmas que estão historicamente ligados à EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Instituições da rede estadual de ensino e Trajetórias de vida das alunas da EJA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração (2008)	15
Figura 2 - Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno (1966)	20
Figura 3 - Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno (2009)	20
Figura 4 - Mural da escola realizado pelos alunos (2009)	22
Figura 5 - Escadas para chegar ao segundo andar (2008).....	24
Figura 6 - Sala de aula da instituição (2008)	24
Figura 7 - Refeitório da escola (2008)	25

SUMÁRIO

Introdução	10
CAPÍTULO 1: AS HISTÓRIAS E AS FILOSOFIAS DAS ESCOLAS PESQUISADAS	15
1.1: Escola Estadual de Ensino Nossa Senhora do Sagrado Coração	15
1.2: Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno	20
1.3: As diferenças na modalidade da EJA	23
CAPÍTULO 2: AS TRAJETÓRIAS DAS ALUNAS DA EJA	29
2.1: O processo das entrevistas	29
2.2: Trajetórias de vida das alunas da EJA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	52

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa tenho como eixo norteador a Educação de Jovens e Adultos e os objetivos deste trabalho monográfico são analisar duas escolas da rede estadual de ensino, por meio dos Projetos Políticos Pedagógicos e de suas histórias abordando características e singularidades que apresentam, bem como refletir sobre as histórias de vida das estudantes dessa modalidade de ensino – a Educação de Jovens e Adultos.

O interesse em estudar a Educação de Jovens e Adultos surgiu a partir do contato com as disciplinas da Educação de Jovens e Adultos I e II, cursadas no curso de Pedagogia FFP/UERJ. Essas disciplinas ofereceram a oportunidade de mergulharmos num mundo de emoções, pois quando conversamos com os sujeitos da EJA percebemos a ansiedade, o medo, a felicidade, a alegria e busca por superação de suas condições de vida, que, muitas vezes, nos revelam a negação de direitos e a falta de perspectivas de mudança, de transformação da realidade em que vivem. As aulas de Educação de Jovens e Adultos I instigaram minha turma a pesquisar a situação destes sujeitos no município de São Gonçalo e, ao mesmo tempo, nos apresentou as idéias de Paulo Freire para essa modalidade de ensino. Ao longo dos encontros debatíamos sobre a necessidade de uma nova política pública no município de São Gonçalo, pois observávamos a má estrutura de funcionamento do curso noturno, tendo em vista que muitas escolas não possuíam recursos para melhorar a qualidade deste ensino.

Ao final do período da disciplina¹, a professora sugeriu um trabalho em que a turma, dividida em grupos, sorteou temas diferenciados para desenvolver uma pesquisa. Os temas sugeridos tinham como objetivo: conhecer os professores e estudantes da EJA, fazer um levantamento das políticas públicas para essa modalidade de ensino em São Gonçalo, além de conhecer os materiais e recursos destinados ao trabalho com a EJA. Cada grupo, após realizar a pesquisa específica, passaria a apresentar o resultado final para a turma. Meu grupo de pesquisa² ficou com a responsabilidade de conhecer o perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos de algumas escolas de São Gonçalo.

1

A disciplina de Educação de Jovens e Adultos I foi cursada no 7º período de 2008/1

2

Isabella, Keylla, Maria Elzilene e Natália.

De imediato, uma das integrantes do grupo teve a idéia de fazer a pesquisa na Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração, localizada em Niterói, devido a uma especificidade da escola – o fato de só aceitar mulheres em sua ambiência escolar. Sabendo que a instituição não era uma das opções oferecidas pela professora Márcia Alvarenga, que ministrava a disciplina, decidimos expor para ela a nossa idéia. Ao conversar sobre nossa idéia, no primeiro momento, a professora recusou nossa proposta, porque desejava que a pesquisa fosse realizada no município de São Gonçalo. Entretanto, insistimos em realizar nossa pesquisa no município de Niterói, argumentando em favor da característica da escola. Assim, ao ouvir nossa explicação, ficou entusiasmada com nosso objeto de pesquisa e autorizou nosso estudo. Após a realização da pesquisa fizemos um vídeo com as imagens da escola, das entrevistadas, um *banner* com as informações recolhidas e apresentamos nossas conclusões à turma de EJA I.

Durante o percurso da disciplina Educação de Jovens e Adultos II³ vimos alguns programas governamentais destinados a esta modalidade de ensino, debatemos sobre a eficácia ou não de alguns projetos. Também tivemos a oportunidade de ler textos sobre como podemos utilizar as histórias de vida e a memória dos sujeitos no processo aprendizagem-ensino-aprendizagem, pois como nos ajudaram a pensar Jesus e Araújo (2008,p.131) as histórias de vida são textos alfabetizadores que oferecem ricas possibilidades aos jovens e adultos. Ao apresentarem a experiência de formação de educadores populares, no município de São Raimundo Nonato, interior do Piauí, estas autoras nos dizem que os saberes individuais se entrelaçavam em uma rede de saberes coletivos que iam evidenciando, a partir das histórias de vida, uma história coletiva, ou seja, a realidade na qual se inserem os sujeitos. Discutimos, também, durante a disciplina, a marginalização da EJA, historicamente, e, a própria marginalização das experiências de vida dos alunos jovens e adultos, bem como algumas propostas que buscam superar o preconceito em torno desses sujeitos, cuja trajetória precisa ser vista por sua potencialidade, e não pela negação. O educando não é visto pela sua trajetória de vida e sua potencialidade e sim pela sua condição social de excluído, incompetente, pobre, defasado. Muitos pesquisadores usam isso para rotulá-los e esquecem

suas capacidades (ARROYO. 2001, p.10) .

Outro momento interessante durante o período da disciplina EJA II foi quando recebemos a professora de Artes Angélica Herdy Lopes, da Escola Municipal Mário Quintana, que fica localizada no bairro Engenho Pequeno, em São Gonçalo. Ela foi convidada pela professora da turma de EJA II, Regina de Jesus, para ministrar a oficina: Repensando a Arte na Educação de Jovens e Adultos. Angélica contou um pouco sobre a sua experiência e a de seus alunos e pudemos perceber que sua prática pedagógica é bastante freireana, ou seja, embasada nos princípios de Paulo Freire. Ela articulou o ensino da arte com a realidade da comunidade/escola. Ao investigar a realidade da comunidade do Engenho Pequeno, composta por uma maioria de imigrantes vindos do Nordeste, resolveu trabalhar com as obras do Mestre Vitalino. Essa idéia surgiu porque a história de vida do artista muito se assemelhava com a história de vida dos alunos da Escola Mário Quintana. Lendo um artigo de Gadotti (1997, p.4) sobre Paulo Freire vi que realmente a metodologia da professora Angélica baseava-se dos princípios freireanos, pois ela valorizava não só o saber científico, mas também o do cotidiano de seus alunos, partindo de suas realidades de vida. Freire acreditava que os educandos não aprendem de forma separada os conhecimentos de mundo e os educativos, esses saberes vão se entrelaçando de acordo com a realidade dos sujeitos jovens e adultos da EJA.

A professora Angélica, durante a oficina, contou-nos como desenvolveu o trabalho com seus alunos. Ela apresentou a eles as obras do Mestre Vitalino, abordando sua história de vida, sua realidade e o fato dessas obras mostrarem o cotidiano do sertanejo. A partir daí, solicitou que cada aluno, a partir da sua história de vida, reproduzisse na argila algo que fosse significativo e que fizesse parte de seu cotidiano. Gostei muito da idéia, pois era mais uma forma de trabalhar com a história de vida. Para mostrar as obras de seus alunos, que buscaram experimentar por meio da argila, a prática de Mestre Vitalino, Angélica mostrou várias imagens. Entre uma história e outra foram exibidas, também, fotos de visitas a espaços culturais, porque a maioria dos seus alunos nunca havia tido a oportunidade de frequentar esses espaços. Um passeio que chamou a atenção foi a visita ao Teatro Municipal de Niterói. Ela comentou que esse evento foi muito esperado pela classe, em cada aula de Arte as alunas sempre que podiam abordavam sobre a expectativa em relação ao passeio. De acordo com a professora, sua turma, ao entrar no Teatro Municipal, ficou admirada com a magnificência do

lugar e quando deu-se início às apresentações todos estavam emocionados e, para surpresa geral, o Maestro dedicou uma música a sua turma de EJA. Ao ouvir esse relato lembrei-me de uma passagem do texto de Cardoso (1996, p.38) ao falar das emoções que suas alunas sentiram ao ir pela primeira vez ao zoológico:

[...] Para comemorar o Dia do Idoso, a prefeitura da cidade proporcionou-nos um passeio ao Jardim Zoológico no centro do Rio de Janeiro [...] Chegando lá, pulavam, corriam, brincavam, como crianças se deliciavam ao ver os macacos, o elefante, o rugido do leão, as cobras, enfim tudo. Faziam questão de observar os mínimos detalhes. Depois fomos ao Museu de Cera, bem próximo ao zoológico. Lá elas se emocionaram com o que viram. Ficaram impressionadas [...]

Ao reler esse trecho e ouvir o depoimento de Angélica não há como não se emocionar com as reações dos alunos, mesmo sendo todos adultos o comportamento deles era de crianças fascinadas por estarem pela primeira vez num lugar suntuoso. Acredito ser importante destacar também que, alguns ambientes, mesmo gratuitos como: os espaços culturais, centros culturais, alguns museus, alguns espaços públicos, pela suntuosidade dos prédios, tornam-se ambientes excludentes e, muitas vezes, cabe ao educador ajudar seus alunos a lerem a realidade de exclusão. Muitos desses jovens e adultos pensam que esses lugares não são para eles, pois a sociedade os inferioriza e os rotula pelo fato de não saberem ler e escrever, assim acabam se sentindo intimidados, mesmo tendo o direito de usufruir desses bens, não o fazem. As professoras, com essas iniciativas, buscam também recuperar a auto-estima dos alunos para que, percebam seus direitos como cidadãos, passem a usufruir desses ambientes.

A partir das experiências vivenciadas nas disciplinas – EJA I e EJA II e aqui relatadas reafirmo o interesse em estudar a Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração, devendo-se à sua singularidade no oferecimento do Ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por ser uma escola destinada a mulheres (negras, brancas, pardas, jovens e idosas, donas de casa ou empregadas domésticas) que decidiram iniciar seus estudos tardiamente. No entanto, devido à descontinuidade do trabalho realizado nesta instituição, fui levada a buscar outra escola a fim de dar continuidade à pesquisa já iniciada. Assim, a

segunda instituição escolhida, a Escola Estadual Coronel João Tarcísio Bueno,⁴ o interesse deu-se por ser uma escola que oferece, no período da tarde, a Educação de Jovens e Adultos, dando assim, oportunidade para mulheres de diversas idades concluírem seus estudos sem afetar suas rotinas e por ser uma escola em que minha orientadora, também professora de Estágio Supervisionado I, estar desenvolvendo suas atividades no período que eu buscava novo espaço investigativo.

Neste sentido, o objetivo central deste trabalho monográfico é analisar as escolas citadas e conhecer as trajetórias de vidas das alunas que freqüentam a EJA. Segundo Dayrell (2001, p.136) analisar o cotidiano escolar é compreender que no âmbito da escola existe um dinamismo entre os sujeitos que ali se encontram inseridos. Então, o espaço escolar torna-se um espaço de interação onde os sujeitos trazem seus desejos, projetos de vida, hábitos e emoções para o interior da escola, ou seja, as histórias de vida dos sujeitos são colocadas em diálogo, criando uma trama de histórias que nos revelam saberes construídos nas tramas sociais.

CAPÍTULO 1: AS HISTÓRIAS E OS PROJETOS PEDAGÓGICOS DAS ESCOLAS PESQUISADAS

1.1-A Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração

4

Fato que irei relatar posteriormente e mais detalhadamente, no interior do trabalho.



Fig. 1: Escola E.E.E.S. Nossa Sr.^a do Sagrado Coração. (Arquivo Pessoal, 2008).

A Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração, localizada há 46 anos na Rua Álvares de Azevedo, número 237, no bairro de Icaraí, no município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, foi fundada no dia 17 de março de 1963, oriunda de um projeto pertencente ao grupo de Obras Sociais da Igreja Nossa Senhora Sagrado Coração. A instituição foi criada durante a presidência de João Goulart. O cenário político da época passava por um momento conturbado, pois diversos setores da sociedade desejavam a renúncia do presidente. Para tentar acalmar esses setores, o presidente decidiu criar o Plano Trienal que tinha como objetivo controlar o *déficit* público. Esse Plano também buscava melhorias na esfera educacional; a reforma visava acabar com o analfabetismo no país por meio das experiências que o educador Paulo Freire estava desenvolvendo em Recife (DUARTE. s/data) .

O espaço da escola era uma construção de dois andares, composta de 10 salas de aula, que nos turnos da manhã e da tarde oferecia o Ensino Fundamental I e II, pela rede particular de ensino. O prédio era muito bem cuidado, possuía salas de aulas amplas que acomodavam até 25 alunos. Há uma sala para os professores com mesa de reunião e computadores, uma secretária com computador e uma impressora multifuncional. A cozinha é ampla e bem funcional, há um espaço para refeições e um pátio. A escola particular e a escola estadual estabeleceram um acordo em que as turmas que funcionavam no período noturno poderiam utilizar cinco salas de aula, uma sala para leitura e uma sala para artes.

Questionamos à diretora o porquê da direção só aceitar matrículas de mulheres. Ela afirmou ser uma exigência da Igreja Nossa Senhora do Sagrado Coração, pois alegava não

possuir instalações adequadas para homens, uma vez que alguns deles poderiam causar indisciplina, já com mulheres não ocorreria esse fato. Percebemos que a postura da diretora retrata uma visão romantizada do feminino, do papel diferenciado da mulher, socialmente, isto tem a ver com a visão moral da época sobre o papel e as atribuições relacionadas às mulheres. Para Louro (1997) há, socialmente, uma visão distorcida e romantizada sobre função da mulher na sociedade, porque muitos acreditam que a função da mulher é cuidar da casa e dos filhos por serem as mulheres pessoas mais amorosas, dedicadas e sensíveis.

Neste sentido, pelo depoimento da diretora, percebemos que características diferenciadas entre homens e mulheres, ainda estão presentes na ambiência escolar, pois a indisciplina está vinculada ao masculino, como se fosse característica do homem e não da mulher e por isso, recebê-los na ambiência escolar se tornava um fato problemático. Esta situação nos traz um outro tema muito debatido nos meios acadêmicos, que é a questão de gênero. Louro (1997, p.104) afirma que a escola estimula a divisão entre o universo masculino e o universo feminino, um não pode atravessar o universo do outro, pois as características de cada um já estão pré-estabelecidas e caso fujam dessa lógica são vistos como problemáticos. Isto realmente ocorre na instituição, pois ela tem uma visão de docilidade e amorosidade em relação às mulheres e pensam ser mais fácil contornar algum problema, já que elas seriam mais submissas. Então, conhecer e entender o projeto da escola voltado a essas alunas-mulheres, muito nos instigou.

O Projeto Político Pedagógico da escola tem a finalidade de atender à Constituição Federal e Estadual, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Estatuto da Criança e do Adolescente e tem como objetivo ministrar Educação de Jovens e Adultos de acordo com as legislações e normas vigentes. Mas também de compreender e transformar a realidade de suas alunas, ajudando-as a entender os valores que a sociedade propaga como regras, normas, crenças, ou seja, oferecer uma educação de qualidade, participativa e coletiva, utilizando-se do seu espaço educativo e cultural em prol da socialização e desenvolvimento das alunas, visando prepará-las para exercer sua cidadania. Esses aspectos propõem-se a ajudar no processo de aprendizagem-ensino-aprendizagem dos sujeitos, tendo em vista que a educação é uma prática social transformadora, onde estabelecemos estratégias e instrumentos. O projeto é

voltado para Educação de Jovens e Adultos, ou seja, para pessoas que não tiveram a oportunidade de cursar o Ensino Fundamental na idade considerada apropriada. O público-alvo são mulheres trabalhadoras, algumas oriundas do Nordeste brasileiro, que em sua maioria trabalham como babás, domésticas ou donas de casas que moram ou trabalham perto da escola, muitas interromperam seus estudos devido às suas condições sócio-econômicas, mas também por falta de tempo em virtude do trabalho ou até mesmo por falta de orientação da família.

A direção tem como eixos norteadores o respeito, amizade, solidariedade, disciplina, coletividade e compromisso para atender aos anseios da comunidade, por isso procuram dividir as dificuldades e as necessidades com toda equipe para que juntos possam encontrar a melhor solução. A relação da equipe com as alunas parece ser bastante democrática e acessível, já que os profissionais procuram atender as necessidades que as alunas apresentam como, por exemplo, informações sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, AIDS, Câncer de Mama, Câncer no colo do útero, dentre outros assuntos de interesse das mesmas.

A escola desenvolve Projetos Pedagógicos bastante interessantes e aqui destaco alguns dos temas que pude observar: Poetizando as Águas de Março, Oficina de criação do Congresso das Flores, A vida que a gente quer depende do que você faz Campanha Natal Solidário. Esses projetos tinham como objetivo mostrar às alunas a relevância da educação como possível instrumento para acabar com os problemas sociais.

A instituição trabalha com valores morais, culturais e sociais junto com as disciplinas; as alunas são vistas como cidadãs críticas, agentes transformadoras de sua realidade. A comunidade escolar serve para a escola repensar o seu papel pedagógico e sua função de integração e participação, assim deixando bem clara a concepção de mundo, sociedade, mulher e educação que desejam.

No processo de avaliação, a escola trabalha com relatórios bimestrais para verificar o desenvolvimento das alunas, então, o processo quantitativo não é mais utilizado e sim o processo qualitativo para saber do processo de aprendizagem das alunas. A Escola Estadual

Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração acredita que a avaliação deve entremear todos os trabalhos pedagógicos, isto é, a mediação do educador no processo ensino-aprendizagem é muito importante no desenvolvimento do educando (Projeto Político Pedagógico, 2008)

Quando fui buscar estas informações sobre a história e o projeto político- pedagógico da escola descobri que ela seria desativada, fiquei chocada com a notícia, pois a escola há poucos meses havia recebido uma homenagem da Câmara dos Vereadores de Niterói pelo trabalho realizado em prol a Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com depoimento da diretora Carmem Lúcia, ela reuniu-se com a coordenadora da metropolitana de Niterói para confirmar os boatos sobre o fechamento da escola, após essa reunião a diretora solicitou uma reunião com seu corpo docente e discente para buscar uma solução para o problema. Nesta reunião ficou decidido enviar um documento ao Governador do Estado do Rio de Janeiro, todavia o envio do documento não surtiu efeito, porque em fevereiro de 2009 saiu no Diário Oficial a exoneração da diretora Carmem Lúcia e as transferências das alunas para o Colégio Estadual Manuel de Abreu.

Também, por meio de depoimentos ouvidos na escola, pude perceber que todos haviam ficado surpresos e chocados com a constatação da interrupção de um trabalho desenvolvido durante 40 anos.

Como não há neutralidade em um trabalho de pesquisa, eu, como investigadora daquele cotidiano, também com tristeza, fui visitar a escola pela última vez e ao chegar à escola senti um vazio muito grande, já que no lugar dos burburinhos gostosos, de conversas e risos pelo pátio foi preenchido pelo silêncio. Fui recebida com muito carinho pela secretária e ao questionar acerca da possibilidade de retomarem o trabalho, ela afirmou que não seria mais possível, tendo em vista que parte do material didático e dos documentos importantes da escola, já havia sido transferido para outra instituição. Informalmente, conversamos e relembramos de alguns momentos vivenciados na instituição e vi-me diante de um novo problema colocado pela pesquisa: a falta de um espaço investigativo, tendo em vista que não

tinha a intenção de abandonar meu tema e objetivos.

A partir do diálogo com minha orientadora, uma nova possibilidade foi-se configurando. Ela propôs que eu acompanhasse sua turma de Estágio Supervisionado I, composta por alunos do Curso de Letras, no desenvolvimento de oficinas destinadas às turmas de Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos, no Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno, no período da tarde. Essa idéia de um novo campo de pesquisa deixou-me temerosa, pois eu seria uma completa estranha na escola. Fiquei realmente muito preocupada com a recepção dos alunos, mas, de acordo com minha orientadora a aproximação com o novo campo e com seus sujeitos se daria por meio da participação nas oficinas. Ou seja, por meio das oficinas eu estaria tendo um contato inicial com os alunos e poderia assim, através de uma escuta sensível, ir percebendo com quais alunas poderia conversar, podendo dar continuidade à pesquisa, sem abandonar a proposta inicial, mesmo em se tratando de uma instituição mista, cujas salas são frequentadas por homens e mulheres, jovens e adultos.

1.2. Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno

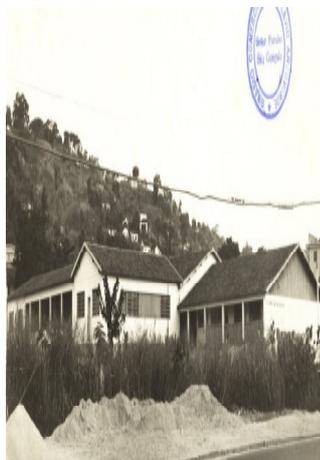


Fig. 2: Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno (Arquivo Pessoal ,1966).



Fig. 3: Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno (Arquivo Pessoal, 2009).

O Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno fica localizado à Rua Francisco Portela, no bairro Paraíso, município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro. A instituição surgiu a partir da fusão de três grupos escolares: Barão de São Gonçalo, Narcísia Quaresma de Melo e da Escola Dr. Jaime Figueiredo, no dia 22 de abril de 1966. Nesta época o país estava sendo dirigido pelo então presidente militar General Castello Branco e uma de suas ações para a educação de adultos foi a criação da Fundação Mobral (1967) que visava conduzir os indivíduos a obter as técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-los na sociedade, assim permitindo melhores condições de vida (PORTAL BRASIL).

No governo do presidente Médici (1976), o então Governador do Estado do Rio de Janeiro, Floriano Faria Lima, estabeleceu a elevação de Grupo Escolar para Colégio Estadual

Coronel João Tarcísio Bueno. Nesse período ocorreu um avanço para a Educação de Jovens e Adultos, pois foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 5.692) a LDB dedicou um capítulo à modalidade da EJA, no entanto foi nos textos: Parecer do Conselho Federal de Educação e Política para o Ensino Supletivo que ficaram bem explicadas as características e fundamentos dessa modalidade de ensino. Com a redemocratização do país nos anos 1980 e a criação de uma nova Constituição Federal ocorreu uma mobilização da sociedade em prol da educação de jovens e adultos, ficando sobre a responsabilidade do Estado oferecê-la gratuitamente e universalmente (HADDAD e PIERRO. 2000, p.120).

O Colégio Estadual João Tarcísio Bueno (1984/1985) estabeleceu um convênio com o pintor Carlos Scliar para a criação de uma nova ambiência escolar; o projeto era pintar as paredes externas de azul, amarelo, vermelho, verde e laranja para estimular a criatividade dos alunos. O espaço interno ganhou, nas paredes, poemas de autores famosos como Carlos Drummond de Andrade, Castro Alves, Mário Quintana, Mário de Andrade, Ferreira Gullar, Vinícius de Moraes, dentre outros. Atualmente as paredes da escola não têm mais poemas desses autores famosos, pois com o tempo não houve a preocupação de preservar o projeto original e hoje o que vemos são os cartazes produzidos pelos próprios alunos sobre temas diversos como: drogas, sexualidade, poesias, dentre outros.



Fig. 4: Mural da escola realizado pelos alunos (Arquivo Pessoal, 2009).

Com o passar do tempo o Colégio Estadual João Tarcísio Bueno transformou-se numa escola de referência, pois o Ensino Médio foi criado na escola (2000) para atender a necessidade da comunidade, uma vez que os estudantes residentes em São Gonçalo tinham que estudar em outro município para concluir o antigo Segundo Grau (o atual Ensino Médio). Atualmente a instituição passou a oferecer o ensino regular na parte da manhã, à tarde e à noite foram destinados aos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

O Projeto Político Pedagógico visa uma escola humanista, aberta ao diálogo, tentando fugir do padrão dogmático a que diversas escolas estão submetidas, busca a valorização do sujeito como o indivíduo catalisador do processo de ensino, estimulando-o a pensar criticamente. A escola tem um compromisso com seu entorno escolar, uma responsabilidade sócio-político-educacional que prioriza a formação cidadão do educando. É político por apresentar comprometimento na formação dos sujeitos e pedagógico pela escola oferecer formação para essas pessoas. Os eixos norteadores são condições de acesso e permanência na ambiência escolar, qualidade do ensino, gestão democrática e liberdade de expressão (Projeto Político Pedagógico, 2007.)

1.3: As diferenças na modalidade da Educação de Jovens e Adultos

As duas instituições pesquisadas demonstram possuir diversos pontos comuns e outros diferenciados no oferecimento da Educação de Jovens e Adultos. Apesar de serem da rede estadual de ensino e de sofrerem com as dificuldades do dia-dia, as escolas tentam trabalhar da melhor forma possível para fazer a diferença na vida dos seus alunos.

A Escola Estadual Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração ficava localizada na área nobre de Icaraí onde se concentra a classe média e classe média-alta da cidade de Niterói. O bairro possui uma ótima infra-estrutura, com diversos comércios e

serviços públicos ao redor. As ruas do bairro são arborizadas, as calçadas são muito bem cuidadas há diversos prédios residenciais, lojas, *shoppings centers*, galerias, restaurantes, bares, lanchonetes, autarquias e entre outros ainda conta com um ótimo esquema de segurança e patrulhamento de seguranças particulares e também da Polícia Militar.

A escola oferecia o Ensino Fundamental I, ou seja, do primeiro ano até ao quinto ano dessa modalidade. Eram cinco turmas com 20 alunas na faixa etária de 18 a 78 anos por ser uma escola pequena não possuía muitos servidores públicos, tinha dez funcionárias do sexo feminino distribuídas nas funções de diretora, secretária escolar, orientadora pedagógica, coordenadora pedagógica, merendeira e professoras.

A Escola Estadual Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração não tinha prédio próprio, o local destinado para o antigo curso supletivo era um prédio antigo que durante o dia funciona na escola particular que a Igreja Nossa Senhora do Sagrado Coração mantém. O espaço físico não era adequado porque as salas de aulas ficavam no segundo andar e a maioria das estudantes eram pessoas idosas e algumas subiam com dificuldades os dois lances de escadas.



Fig. 5: Escadas para chegar ao segundo andar (Arquivo Pessoal, 2008).

Essa situação me fez lembrar que a Lei de Diretrizes e Bases, no título III, aborda os

direitos e deveres da educação; o parágrafo VI diz que a oferta do curso noturno deveria ser de acordo com as necessidades dos educandos, no entanto não é assim, já que o Estado não oferece um espaço adequado. Todos os móveis das dependências da escola eram voltados para a educação infantil como os banheiros femininos e masculinos, os móveis da sala de aula e do refeitório.



Fig. 6: Sala de aula da instituição (Arquivo Pessoal, 2008).



Fig7: Refeitório da escola (Arquivo Pessoal, 2008)

As imagens apresentadas anteriormente mostram as educandas utilizando o espaço que deveria ser de acordo com as suas necessidades. No entanto, mesmo estando nesse ambiente desestruturado, elas não deixam que simples empecilhos as desanimem. As alunas mostram-se disciplinadas e organizadas, chegam no horário certo, usam os uniformes e participam de todos os projetos ou passeios realizados pela escola. Sempre que podem ou lhes são oferecidas oportunidades para tal, frequentaram espaços culturais como foi o caso da visita ao

Museu Imperial em Petrópolis e ao Museu Histórico Nacional dentre outros espaços.

A avaliação escolar era realizada por meio de relatórios mensais em que a professora tinha uma lista de requisitos a ser assinalada sobre o desenvolvimento escolar de cada educanda. A metodologia avaliava as alunas pelos seus processos de ensino-aprendizagem e não por suas notas. Pela Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, no artigo 24, inciso V, diz que deve prevalecer o aspecto qualitativo sobre os quantitativos, esse argumento mostra mais uma vez a importância de avaliar a educanda pelo seu processo de aprendizagem. Os conteúdos programáticos eram decididos nas reuniões de planejamento, realizados às quintas-feiras pelas professoras, direção e coordenadora pedagógica. A escola não tinha adotado livro didático. O ano letivo da escola terminava no período de seis meses e uma nova etapa do Ensino Fundamental se iniciava. Quando elas terminavam a educação básica eram transferidas para uma nova escola.

Já o Colégio Coronel João Tarcísio Bueno oferece o ensino supletivo desde o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio. As classes são mistas, ou seja, homens e mulheres estudam no mesmo ambiente, todavia não só as turmas, mas também o quadro de funcionários. A instituição é de grande porte, já que possui cerca de 1.000 alunos matriculados e um extensivo quadro de servidores. O bairro onde a escola está inserida possui infra-estrutura, no entanto não há coleta sistemática de lixo. Algumas calçadas são danificadas, algumas frotas de ônibus não são adequados, as ruas principais ficam alagadas nas chuvas/enchentes e ainda tem que conviver com a violência no seu dia-dia, tendo em vista a proximidade com uma área de risco, pois, de acordo com a Delegacia de Polícia 73ª, a área é bastante conflituosa, uma vez que há um grande número de assaltos e furtos na região. Entretanto, essa pequena descrição mostra o descaso das autoridades locais/estaduais para com o bairro.

Ao direcionar o olhar para a entrada do colégio, no primeiro momento imaginamos ser um lugar pequeno, no entanto ao entrar percebemos a dimensão do seu espaço. Existem três prédios, o primeiro abriga a cantina, a secretaria, a sala dos professores, o serviço de orientação pedagógica, a xérox, laboratórios de informática, física e química e salas de aula.

No segundo prédio fica o banheiro, o departamento de pessoal, a administração, a dispensa, a quadra, o pátio e o refeitório. No terceiro há mais salas de aulas, pátio e um laboratório de música desativado. Durante a pesquisa de campo percebi o abandono por parte do Estado, pois muitas salas de aula estão danificadas e faltam professores substitutos, assim deixando muitas turmas sem aulas tendo que esperar o retorno do professor.

Os estudantes parecem não respeitar os horários de entrada e saída e nem o uso do uniforme, porque a maioria deles usava bermudas, saias e sandálias ao invés de calça comprida e tênis, exigidos como uniformes. Tenho a impressão de que esse descumprimento da norma do colégio acontece por ser um curso supletivo, em que, geralmente, grande parte dos educandos são adultos e, talvez por isso, os inspetores não os repreendam. Em uma das visitas que fiz à escola, posteriormente ao processo investigativo, vi uma escola quase vazia, em plena hora do intervalo e, ao questionar sobre o que estava acontecendo, a resposta foi: “muitas turmas não tiveram aula hoje”. Ou seja, a falta de alguns professores, fez com que os alunos desistissem de aguardar a aula seguinte (mesmo com os/as professores/as presentes) e, deixassem a instituição antes do término do turno, prejudicando, ainda mais, o desenvolvimento do trabalho, segundo a fala de uma das professoras que daria aula.

O quadro que se vê em nossas escolas públicas não nos parece muito animador. O descaso governamental com a educação, a falta de contratação de professores, os salários baixos; a falta de condições dignas de trabalho, muito tem contribuído com essa situação. E, neste sentido, os alunos também se tornam desestimulados. Em se tratando da Educação de Jovens e Adultos, o quadro se agrava ainda mais, tendo em vista que esta modalidade de ensino, historicamente, tem ficado à margem das políticas públicas. De acordo com Haddad e Pierro (2000, p.40) “embora a Constituição assegure o direito universal à educação fundamental em qualquer idade, as políticas públicas em curso tendem a deslocar a escolarização de jovens e adultos para o terreno dos programas assistenciais que visam atenuar os efeitos perversos da exclusão social”. O pensamento dos autores reafirma o que temos percebido em nossa pesquisa: quando as políticas públicas destinadas à EJA são descentralizadas marginaliza-se essa modalidade de ensino, pois tanto o governo federal, estadual e municipal acabam implementando uma política do assistencialismo, colocando a

responsabilidade que lhes é devida à sociedade civil.

Um exemplo deste descaso com a educação pode ser encontrado no fato de, por quase seis meses, as três turmas de ensino médio da EJA terem ficado sem a substituição da professora de Português, afastada por licença médica devido a problemas nas pregas vocais (segundo seu depoimento). As Oficinas de Produção Textual, oferecidas pelos estagiários da UERJ/FFP, de certa forma, supriram esta lacuna, também atendendo à demanda por estágio, por parte dos alunos do curso de Letras, mas não resolveram o problema, que deveria ter sido a substituição da professora licenciada, pela Secretaria Estadual de Educação, a fim de não prejudicar os alunos da EJA

A avaliação do Ensino Fundamental I é por meio de relatórios pré-estabelecidos pela Rede Estadual de Ensino, em que os educadores têm que sinalizar em quais dos itens destacados os educandos conseguiram progredir ou não; caso os educandos não preencham os requisitos, não são admitidos para nova fase. Esse sistema de avaliação mostra-se contraditório, pois aparentemente parece qualitativo, no entanto é quantitativo porque ele também classifica os alunos em aptos ou não aptos. Avaliação qualitativa aparentemente parece não classificar o aluno, todavia o ele o faz ao em vez de diagnosticar a situação dele. Luckesi (1996,p14) afirma que avaliação tem a função de diagnosticar a situação do aluno, ou seja, a avaliação deverá ser um instrumento de diálogo em que o indivíduo encontrará um meio para superar suas dificuldades.

No Ensino Médio, a avaliação se dá por meio de provas que verificam o progresso do aluno, caso esse não corresponda às expectativas, ele não passará para nova fase do curso supletivo. As provas/notas são usadas para estabelecer o desempenho dos educandos classificando-os de acordo com as normas da escola (LUCKESI. 1996, p.35). No Ensino Médio e o Fundamental I e II nas turmas da Educação de Jovens e Adultos, o ano letivo termina em seis meses. A instituição não utiliza livros didáticos e nem cartilhas para trabalhar as disciplinas em sala de aula; os professores junto com as coordenadoras pedagógicas vão organizando o material de acordo com as possibilidades e necessidades dos alunos.

Ao conhecer um pouco das características das escolas da rede Estadual de Ensino percebemos que a prioridade das instituições é formar os educandos. Freire (2004) acredita que devemos prestar mais atenção à formação dos indivíduos, pois temos que formar pessoas com visão crítica. E é assim que as instituições fazem ao tentar formar cidadãos capazes de interagir com o mundo e transformar a sua realidade.

CAPÍTULO2: AS TRAJETÓRIAS DAS ALUNAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1: O processo das entrevistas

Nessa pesquisa monográfica trabalho analisando o cotidiano de duas escolas da rede estadual de ensino, esta análise aconteceu por meio de documentos fornecidos pelas escolas, tais como: os projetos político-pedagógicos, documentos com as histórias das instituições e documentos sobre os métodos avaliativos. No entanto, a ênfase maior deste trabalho de pesquisa consiste no trabalho com as histórias de vida de alunas da EJA, enfocando os processos de escolarização das mesmas. Decidi abordar este assunto pela possibilidade de entender e conhecer mais as relações sociais de um determinado grupo, ou seja, de conhecer e compreender as histórias de vida das alunas da Educação de Jovens e Adultos. De acordo com Dayrell (2001, p. 140) “temos que compreender as pessoas em suas diferenças, enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções e desejos[..]”.

Durante o Curso de Pedagogia na UERJ/FFP nas disciplinas da Educação de Jovens e Adultos fiquei muito interessada em estudar as trajetórias de vida dos sujeitos dessa

modalidade, pois nas leituras de diversos autores sobre a temática eles destacavam os estigmas que os estudantes da EJA carregam no interior da escola, pois esses são vistos como pessoas defasadas, repetentes e sem futuro.

Então, senti a necessidade de ir até esses sujeitos para ouvi-los, buscando dar voz aos que são silenciados pela história oficial, tendo seus saberes-fazer desqualificados por uma sociedade que só valoriza a cultura letrada. Portanto, utilizar fontes orais como metodologia de pesquisa nos ajuda a ver um outro lado da história, uma história que está à margem dos documentos oficiais. Para ter acesso a essas narrativas fui buscar informações com esses sujeitos sociais. Na tese de doutorado de Jesus (2004. p.32) ela afirma que “a pesquisa tendo como fundamentação teórica as fontes orais ajuda a entender os saberes que procuramos refletir acerca da realidade pesquisada, no entanto para pesquisar estas narrativas necessitamos da interação com o outro”.

Portanto, privilegiando, como metodologia de pesquisa a história oral, uma vertente muito utilizada por pesquisadores para dar voz aqueles que são marginalizados/silenciados pela sociedade, fui utilizando as narrativas de vida como fonte de investigação, pois busco ouvir e compreender essas trajetórias para tentar entender um pouco do processo de vida das alunas.

Narrar histórias pessoais e coletivas é uma prática propriamente humana, que revela o lugar fundamental da partilha na construção dos modos de ser e estar no mundo. Observamos, assim, que a narrativa se apresenta como possibilidade de partilha e compreensão do sentido da vida e da história nas práticas sociais. (BRAGANÇA; MAURÍCIO. 2008, p.254)

As narrativas têm um fio condutor, já que ao ouvir as histórias das alunas da EJA, tinha um interesse específico em suas trajetórias escolares. Então, foram realizadas entrevistas temáticas, abordando alguns assuntos relacionados à família, aos projetos para o futuro, ao processo de escolarização etc. As entrevistas, sob meu ponto de vista, foram diálogos que propiciaram análise e reflexão a fim de compreender o compreender dessas alunas da EJA, que, em suas histórias individuais, revelam uma história coletiva. Histórias que revelam o pertencimento a um grupo que precisa ser ouvido para aprendermos juntos novas

possibilidades de trabalhar com a EJA, levando em conta as especificidades desta modalidade de ensino.

Assim, Thompson nos ajuda a continuar este diálogo, quando diz da importância da história oral...

[...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participam de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo como forma de se aproximar do objeto de estudo [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (THOMPSON, 1998, p.44)

Nesta perspectiva, seus depoimentos singulares re-constroem e preservam uma história. Assim, as entrevistas foram realizadas a partir de um questionário, previamente elaborado, constando de três perguntas norteadoras, que poderiam ser modificadas, de acordo com as falas das alunas entrevistadas. Ou seja, tudo foi conduzido de maneira que as alunas ficassem à vontade para falar o que quisessem, por vezes, desconsiderando o fio condutor. Neste sentido, as emoções, quase sempre, falavam para além das palavras. O silêncio e as interrupções, também indicavam algo que precisávamos escutar/ler. A utilização de entrevistas nos permite perceber comportamentos, valores e emoções que durante as narrativas ficam explícitos.

As entrevistas foram integralmente gravadas e transcritas, com a preocupação de manter-me fiel ao momento do diálogo, mesmo sabendo que nem sempre conseguimos captar, na transcrição, todo o momento da fala, pois a oralidade envolve outros sentidos, há o gestual, há a emoção do momento etc. Após a transcrição, entreguei às alunas entrevistadas – sujeitos desta pesquisa – o material transcrito e a carta de cessão com a autorização delas para a utilização das entrevistas e das imagens feitas durante este processo da pesquisa.

Antes das entrevistas iniciei uma conversa informal em que expliquei um pouco sobre meu projeto de pesquisa e minha trajetória, pois queria estabelecer vínculo com minhas entrevistadas. Semanas antes de gravar os depoimentos, conversei com cada uma para mostrar o meu interesse em relação às histórias de vida delas. Consegui estabelecer uma relação de maior proximidade com as entrevistadas, mantendo-me em contato com algumas delas.

Quando afirmei ter utilizado um questionário, previamente elaborado, para as entrevistas, foi com intuito de orientá-las; no entanto, não tentei, em momento algum, controlar os depoimentos, tentando deixá-las sempre à vontade. Sei que muitas vezes um questionário de perguntas pode inibir ou tornar as entrevistas monossilábicas, no entanto os depoimentos transcorreram de forma livre.

Thompson defende:

[...] uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes (1998, p. 258).

Nos depoimentos em que as alunas relatavam um pouco da infância, juventude e a maturidade, quando eu sentia certa inibição por parte delas, parava de gravar os depoimentos e perguntava se queriam ou não continuar a entrevista em outro momento. Uma vez que confrontar sua própria história e relatá-la a alguém parece ser bastante difícil.

Procurei fazer as entrevistas em um ambiente calmo onde as alunas teriam privacidade e tranquilidade para relatarem sua trajetória de vida, a fim de não correr o risco de ficarem inibidas ou então de não contarem, realmente, sua história em presença de outros alunos; ou mesmo, desistirem do relato por causa de outras pessoas. Por isso, decidi entrevistá-las sozinhas, individualmente, tendo em vista que foram oito alunas entrevistadas.

Segundo Thompson:

[...] Quase sempre, o melhor é ficar sozinho com a entrevistada. A completa privacidade proporcionará uma atmosfera de total confiança em que a franqueza se torna muito mais possível. [...] A presença de outra pessoa na entrevista não só inibe a franqueza, como exerce uma sutil pressão no sentido de um testemunho socialmente aceitável (1998 p. 265-266).

Realmente Thompson confirmou minha opção, pois as entrevistadas sentiram confiança para confidenciar sua história de vida. Falaram com muita segurança, não precisei voltar às gravações. Foram elas a dar o tom da conversa, e mesmo que os assuntos possam ter saído do tema central da pesquisa, procurei não interferir, pois penso que o momento de falar,

de contar sobre sua trajetória, acaba sendo uma forma de desabafo da entrevistada. Muitas vezes, percebi que aproveitaram o momento das entrevistas para contar algo que as estava incomodando ou simplesmente para desabafar das situações complicadas do dia-a-dia.

As entrevistas foram realizadas nas duas escolas: a primeira, na Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração e a segunda, no Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno.

Na Escola Estadual Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração as entrevistas aconteceram no dia 15/06/2008 com as alunas do Ensino Fundamental, Dalva de 68 anos, que cursava o quinto ano, Maria Núbia, de 28 anos, que também estava no quinto ano e a senhora Ana, de 66 anos, que cursava o segundo ano. As entrevistas aconteceram individualmente, no ambiente onde cada aluna se sentia mais à vontade. Dalva escolheu o refeitório, Ana escolheu o pátio e Maria Núbia o corredor da escola. As entrevistas ocorreram tranquilamente, no entanto só Ana ficou emocionada e chorou durante o seu depoimento.

Já na segunda instituição, o Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno, a primeira entrevista aconteceu no dia 27/05/2009, com Lucilene e as outras entrevistas ocorreram no dia 21/06/2009, com Marcelle, Maria Inês, Carmem e Fabiane.

A aluna Lucilene estava no primeiro ano do Ensino Médio, Maria Inês estava no segundo ano do Ensino Médio e Marcelle, Fabiana e Carmem estavam concluindo o terceiro ano do Ensino Médio. Procurei conversar com as educandas individualmente para explicar a temática da minha pesquisa que é analisar as escolas da rede estadual de ensino e conhecer as histórias de vida de algumas alunas destas escolas. Após essa conversa perguntei a todas se gostariam de participar das entrevistas. A maioria gostou da proposta da pesquisa e decidiu participar. No entanto, só Fabiane ficou indecisa. Perguntei o porquê da indecisão? Ela respondeu que estava passando por problemas pessoais e no momento “não tinha cabeça para entrevista”. Mas, felizmente a amiga, Marcelle, a convenceu a participar dos depoimentos ajudando, assim a enriquecer esta pesquisa. As entrevistas foram algumas vezes realizadas em sala de aula, outras vezes, no pátio e no refeitório da instituição.

As narrativas me proporcionaram conhecer as histórias de vida destas jovens, repletas de anseios, emoções, desejos e lutas. A reconstrução dessas trajetórias nos possibilitam direcionar um novo olhar para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, já que eles são tidos como repetentes, sem horizontes e aceleráveis. Muitas vezes, nós esquecemos da condição humana desses sujeitos (ARROYO. 2001, p.10).

2.2: Trajetórias de vida das alunas da Educação de Jovens e Adultos

Devemos compreender as pessoas em suas diferenças, enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, lutas, projetos para o futuro, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios do seu cotidiano (DAYREL. 2001, p.140)

Nesse tópico tenho a oportunidade de apresentar as trajetórias de vida de algumas alunas com as quais me encontrei e pude compartilhar algumas experiências nos locais de pesquisa. Essas conversas proporcionaram conhecer um pouco das histórias de vida de cada uma; histórias essas regadas de alegrias, tristezas, lutas, superações e de muito amor à vida.

O primeiro questionamento feito às educandas da EJA convidava a relatarem acerca do motivo de afastamento da ambiência escolar. Marcelle (2009) nos disse: “parei de estudar para poder ter a minha filha, fiquei um ano afastada e depois voltei, no entanto parei mais um ano para trabalhar, foi uma péssima experiência”.

Mas isso não só ocorreu com Marcelle, mas também com educanda Carmem que sofreu do mesmo problema e teve que abandonar a escola por causa de uma gravidez na adolescência. Segundo Carmem (2009): “depois que veio o meu filho caçula tive que ficar dez anos afastada para poder criar os meninos”. No entanto, será mesmo que estas alunas abandonaram a escola por não terem com quem deixar seus filhos ou por não se adaptarem à cultura escolar? A escola, em geral, não incentiva a interação da cultura do aluno com a cultura escolar, muitas vezes, os alunos têm que optar por parar de estudar, pois nela não encontram apoio. Para Carmem (2009): “alguns professores não compreendem o quanto é

difícil estar ali, eles não entendem que o dia-a-dia é corrido e que não tenho tempo. Faço muitos sacrifícios, tenho que me dividir em três para dar conta”. Essa é a grande realidade da maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, muitos vivem esse dilema e ainda têm que enfrentar os estereótipos que a escola e a sociedade, historicamente, perpetuam e que marginalizam a cultura desses sujeitos sociais. Segundo Soares (1992, p.45): “a cultura do aluno no interior da escola é marginalizada, pois a escola rotula como sendo inadequada e não a aceita no âmbito escolar”. As instituições de ensino não sabem lidar com as diferentes culturas que se instauram no seu interior, elas não tentam criar métodos pedagógicos para benefício dessa diversidade. Ou seja, ou o jovem e adulto se adapta à escola, ou continua à margem.

Já o caso das alunas Maria Inês e Lucilene, ambas disseram ter saído do Nordeste brasileiro e vindo para o Sudeste em busca de melhores condições de vida, abandonando assim suas famílias e raízes para “tentar a sorte” nas grandes capitais do Sudeste como, por exemplo, as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. De acordo com IBGE de 2009 : “O total de migrantes interregionais em 2008 foi de 19,7 milhões de pessoas. O maior grupo nesse contingente foi o de nordestinos, com 10,5 milhões, ou 53,4% do total. O Sudeste continua a ser o maior pólo de atração dos nordestinos, recebendo 66,9% destes migrantes”. Como evidenciam os dados acima, a região Sudeste comporta um grande número de nordestinos que sai de suas cidades natais com expectativas de encontrar um lugar digno para trabalharem e criarem/educarem seus filhos. As entrevistadas decidiram abandonar a escola para seguir a ilusão que o povo nordestino tem sobre o Sudeste; eles acreditam que a região tem grandes índices de emprego, ou seja, grandes oportunidades; a maioria confia nesses sonhos e aos poucos vai descobrindo a dura realidade que os espera.

Eu estudei até o primeiro ano do Segundo Grau no Sul da Bahia estava com vinte e um anos, larguei tudo, pois tive a oportunidade de ir para São Paulo com as minhas irmãs. Elas vieram trabalhar como domésticas e eu vim para fazer cursos como datilografia e de informática, queria fazer esses cursos porque queria ter um padrão de vida melhor do que das minhas irmãs domésticas. No entanto, não consegui retomar os estudos nessa época porque tive que trabalhar como doméstica para me sustentar (MARIA INÊS).

Eu vim do Ceará tentar a vida aqui no Rio; meu pai morreu e minha mãe não sabia o que fazer e viemos para cá, nunca tive a oportunidade de retornar à escola quando pequena, porque tinha a necessidade de trabalhar; eu vendia doces, bolos, salgadinhos e balas para poder ajudar

minha mãe, não tinha tempo para ir à escola (LUCILENE).

O depoimento de Maria Inês mostra o sonho de muitos jovens nordestinos de arranjar um emprego melhor em São Paulo. Apostando tudo nesse sonho, ela saiu do Ceará com o pensamento de não mais prestar serviços como doméstica e sim de investir em cursos profissionalizantes no SENAC para conseguir uma colocação melhor. Todavia a necessidade de trabalhar a fez interromper os cursos de aperfeiçoamento. Essa história de abandonar sonhos está na realidade de muitas pessoas pertencentes às classes populares, que, desde muito cedo precisam interromper os estudos ou mesmo os cursos que poderiam oferecer melhores condições de vida futuramente para poderem trabalhar e sobreviver. Assim, estudar tornou-se um luxo e não um direito de qualquer indivíduo previsto na Constituição.

Há um certo ressentimento de Maria Inês em relação à profissão de empregada doméstica, ou seja, a sua fala reproduz a idéia que a sociedade faz dessa profissão, esta desvalorização ocorre por ser um trabalho tido como inferior e de não possuir boas condições de trabalho e também por ser mal remunerado. Isto vem acontecendo desde os tempos da Revolução Industrial, pois com o surgimento da divisão do trabalho iniciou-se o processo de desvalorização da mão de obra. Marx e Engels (1998, p.14): “acreditavam que a burguesia ao fragmentar as atividades de trabalho estava ao mesmo tempo fragmentado o ser humano, na sua ambiência de trabalho e reduzindo-o em tarefas repetitivas e tidas como sem valor ”. Com a desvalorização profissional, um dos efeitos desta situação são os baixos salários e baixa auto-estima, isto é, os sujeitos passam a não mais valorizar as suas profissões. Para Freire (1994, p. 25) “os opressores se hospedam nos oprimidos”, pois a sociedade faz com que os sujeitos internalizem os valores e os padrões de vida deles fazendo com que sonhem com uma realidade que não os pertences ajudando assim na desvalorização da profissão ou a realidade do oprimido.

O relato de Lucilene expõe a realidade das crianças brasileiras que estão perdendo a infância e deixando a escola para poderem ajudar a mãe ou seus familiares no sustento da casa. Esses pequenos assumem responsabilidades que não deveriam ser suas, devido às condições sociais injustas a que está submetida grande parte da sociedade brasileira. No artigo

60 do Estatuto da Criança e do Adolescente, criado pela Lei 8069, é proibido que menores de quatorze anos trabalhem, no entanto como não possuem uma outra opção, são obrigados a trabalhar informalmente para ajudar no sustento do dia-a-dia. Para Dauster (1992, p. 35) “O trabalho infantil produz, aliás, uma passagem forçada para o mundo adulto; a infância da criança é interrompida, não há meio de transição para os filhos das camadas populares. O trabalho tornou-se algo natural”.

Quando foram perguntadas sobre o porquê de voltarem a estudar, as alunas Dalva e Ana, para minha surpresa, responderam:

Eu nunca estudei numa escola, é a primeira vez aqui. Eu vim da roça, lá meu pai nunca colocou a gente para estudar, o importante era trabalhar para garantir o pão de cada dia. Aí, casei, vim para cidade grande, fui vivendo a minha vida, depois de algum tempo veio os filhos, fui criando e educando cada um e hoje todos estão encaminhados na vida. Agora decidi cuidar de mim, então resolvi estudar é um pouco cansativo, pois ainda trabalho em casa de família (ANA).

Na roça eu nunca estudei e nem era registrada, meu pai não ligava de botar a gente na escola. Tínhamos mesmo que trabalhar. Comecei com oito anos de idade. Eu era babá. Eu queria estudar porque não sabia nada, eu queria pegar um ônibus e não consegui ler, muitas vezes, chegava a um lugar e tinha que perguntar onde estava. Eu ia no banco e tinha que colocar o dedo para assinar qualquer coisa, isso era demais, né ! não sabia assinar meu próprio nome, quando vou na Casa Bahia para agir um negócio eu assino meu nome e no banco também assino (DALVA).

As narrativas de Ana e Dalva trazem uma outra realidade – a de famílias do campo, pois nos dizem: “eu vim da roça e na roça eu nunca estudei”. Como elas afirmam, não foram matriculadas em uma escola devido ao desinteresse de seus pais, no entanto me pergunto será apenas pelo desinteresse dos pais? Ou será pelo fato de algumas localidades rurais do interior não possuírem escolas? A Educação do Campo vem com um histórico de abandono e de falta de infra-estrutura, pois Arroyo (2005, p.1) afirma que: “as escolas do campo não possuem políticas públicas consolidadas, o que existe é um arremedo de vulnerabilidade e o efeito disso tudo são os fechamentos das escolas”. Arroyo com a sua colocação nos faz refletir acerca da Educação do Campo, pois, muitas vezes, temos a impressão de que as crianças,

jovens e adultos não freqüentam a escola pela necessidade de garantir o sustento de suas famílias, mas também podem não frequentá-las pela ausência de escolas nas comunidades rurais ou pela dificuldade de acesso às escolas localizadas nas cidades mais próximas às comunidades de origem. Assim, o que se evidencia é a ausência de políticas públicas mais abrangentes para este segmento da população.

Porém, sabemos que não só a Educação do Campo que sofre com a carência de políticas públicas, mas também a Educação de Jovens e Adultos. Se formos observar a trajetória desta modalidade percebemos que ela é de avanços e retrocessos, pois antes o problema era das escolas não possuírem vagas para estudantes jovens e adultos, no entanto com a universalização a todos do direito de estudar o problema agora é manter esses estudantes na escola. As portas das instituições estão abertas para os alunos, mas ao ampliar esta modalidade a escola se esqueceu de atender às especificidades que a Educação de Jovens e Adultos necessitam. Para Haddad e Pierro (2000, p.126) “Ao longo da segunda metade do século XX [...] surgiu um novo tipo de exclusão educacional: o dos analfabetos funcionais.” Isto quer dizer que os jovens e os adultos ao ingressarem na escola não ficam até concluir a Educação Básica, porque dela são excluídos por não aprenderem direito as noções básicas da leitura e escrita.

Retornando aos depoimentos de Dalva e Ana, depois de breve reflexão, destacamos outro ponto interessante que é quando dizem: “meu pai não botava a gente para estudar” esta afirmativa nos mostra que em suas épocas de início da escolaridade, o papel da mulher era dentro de casa, fazendo as obrigações domésticas e não estudando ou trabalhando e essa fala deixa bem definido o papel da mulher daquela época. Segundo Louro (1997, p.96): “ Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, consiste a verdadeira carreira da mulher”. Para sociedade da época as mulheres tinham vocação para serem boas esposas e boas mães, caso fossem exercer outra função social teriam que ser a do magistério, por causa das características que a sociedade associava com o universo feminino.

Com o desenrolar dos depoimentos fui descobrindo nelas uma vontade enorme de estudar e “de ser alguém”, uma vez que para elas: “ser alguém”, dependia dos estudos e o fato

de estudarem, também garantiria a possibilidade de exercer sua cidadania plena. Fiquei muito sensibilizada quando Dalva contou o porquê de desejar aprender a ler e escrever, pois esse anseio surgiu devido a sua necessidade de se orientar pela cidade sem a ajuda de outras pessoas ou de resolver qualquer assunto caso fosse necessário como, por exemplo, ir ao Banco ou ir à rua comprar algo, já que mal conseguia realizar estas atividades sozinha. Ou seja, um dos elementos motivadores para o retorno às salas de aula é a busca por autonomia, por independência por parte destas mulheres educandas da EJA. Durante o depoimento a entrevistada confessou que se sentia envergonhada ou incomodada quando chegava a um lugar para resolver algo e tinha que colocar o dedo como assinatura, tornando-se essa situação num incentivo para Dalva querer estudar. Ana, já decidiu estudar depois que seus filhos estavam encaminhados na vida, como afirma em sua narrativa, quando podia dispor do tempo só para ela. Assim, decidiu dar um novo rumo a sua vida, mesmo tendo que conciliar trabalho e estudo e, como a maioria das pessoas do curso noturno de EJA, nota-se o esforço para poder aprender.

Ao serem questionadas sobre o porquê de pararem de estudar, as alunas Fabiana e Maria Núbia responderam que:

Parei de estudar porque queria ficar de namorico na escola, não queria estudar, matava aula no pátio para ficar conversando com o pessoal, era tão divertido. Depois conheci meu marido, ficava horas com ele namorando, não queria mais nada com o estudo, só queria saber dele. Voltei a estudar depois que casamos e nos mudamos do Sul para o Rio. Como ele fica embarcado decidi voltar estudar (FABIANA).

Quando eu tinha 14 anos engravidei, pois em vez de frequentar as aulas eu ficava no pátio namorando ou conversando com meu grupo da escola. Hoje com 28 anos me arrependo de ficar curtindo. Ainda bem que nessa escola só têm meninas escola com meninos vira bagunça as meninas, só querem saber de namorar (MARIA NÚBIA).

Os depoimentos da Fabiana e da Maria Núbia nos apresentam outra visão da ambiência escolar, em vez de ser um local de estudo, de regras e de obrigações a serem cumpridas e, eventualmente, de penalidades, as alunas deram um novo significado para o interior da escola, ou seja, a escola tornou-se apenas um lugar de estabelecimento de relações sociais e de interações, local este que possibilitava encontros, paqueras, namoros e conversas

para elas. O que as alunas narraram muito nos aproxima das reflexões feitas por Dayrell: “As relações entre os indivíduos variam dependendo do espaço, pode ser dentro ou fora dos alicerces da escola, onde os sujeitos interagem-se ou simplesmente misturam-se tecendo relações afetivas” (DAYRELL. 2001, p.143). O autor acredita que a mistura dos grupos no interior da escola ajudam na socialização, no diálogo, nas trocas de experiências e no convívio entre os sujeitos sociais, no entanto a escola tem como um de seus objetivos limitar essa interação utilizando-se dos mecanismos pedagógicos para impor suas regras, normas e limitando assim a visão do educando. Ou seja, a escola precisa cumprir seu papel, sua função, no entanto, há vida dentro da escola que se manifesta nas práticas dos alunos, que remetem ao seu pertencimento, a sua origem sócio-cultural e que precisam ser contempladas no interior das instituições escolares.

Depois de estabelecermos um diálogo, a partir do primeiro questionamento, passei para a segunda pergunta de nossa entrevista, que serviu como um eixo, tendo em vista o interesse por suas histórias de vida e seu processo de escolarização. Assim, questionei acerca das relações familiares e se as estudantes tinham apoio das famílias em relação aos estudos. Elas afirmaram que:

Sempre tive apoio da minha família nos estudos, meus pais frequentaram muito pouco a escola, mas sempre se esforçaram para dar uma boa educação. Mesmo depois que tive a minha filha, meu marido e minha mãe me deram apoio para voltar a estudar, pois a vida anda difícil e tenho uma filha para criar (MARCELLE).

Conto com a ajuda dos meus filhos e do meu marido, porque cuido da minha sogra doente, então necessito realmente da ajuda dos meninos porque quando vou para escola eles cuidam dela e quando tenho dúvida em algum exercício eles me ajudam a procurar na *Internet* (CARMEM).

Hoje tenho o apoio meu e das minhas filhas que têm 12 e 13 anos. Fico feliz de dizer que sou uma guerreira, porque trabalho, estudo e crio minhas filhas e ainda encontro força de vontade para estudar. Minhas filhas são maravilhosas, estão sempre me incentivando a conquistar mais e mais (MARIA INÊS).

Não tenho muito apoio da minha filha, quando peço ajuda dela para algum exercício, ela não tem a mínima paciência comigo, ela é formada em pedagogia, mas não trabalha na área e na casa onde sou doméstica, não tenho o apoio dos meus patrões. Às vezes fico chateada, porque queria apenas uma força a mais (ANA).

Não tenho apoio da família e nem da minha patroa, sei que estudar é importante para ter uma

vida melhor, vim da Bahia atrás disso, mas está complicado porque a gente tem que escolher se trabalha ou estuda, as duas coisas fica complicado de manterem juntas. Estou tentando conciliar (MARIA NÚBIA).

Em casa todos me apóiam, meus filhos não moram comigo, mas me ajudam quando dá, fico feliz em poder contar com a minha família quando não sei fazer algumas atividades da escola peço ajuda a minha neta ,ela mora na minha casa, sempre que preciso ela está comigo (DALVA).

Eu só conto comigo. Comecei a estudar com 16 anos porque sentia necessidade de aprender a ler e a escrever. Minha mãe nunca me ajudou, por ser analfabeta ela dizia não entender nada e não tinha tempo de me apoiar, pois sempre estava trabalhando e cuidando da minha irmã (LUCILENE).

Os depoimentos acima mostram as diferenças de tratamento e apoio oferecido pelas famílias e mesmo pelas pessoas com as quais as alunas convivem nos ambientes de trabalho, bem como o valor e a disponibilidade que elas mesmas demonstram para o estudo. Enquanto Maria Inês se diz “Guerreira” ao conciliar todos os afazeres domésticos, família, trabalho etc, com os estudos; Maria Núbia diz que “fica complicado manter trabalho e estudo”. Já Ana afirma “querer mais uma força ”e, após, este desabafo ela chorou. Fiquei muito emocionada, não deu para conter o choro, mais ao mesmo tempo o choro foi provocando uma reflexão, que remete ao papel de educadora. Será que todas as futuras pedagogas serão, de fato, educadoras? Questionei-me, em meio a certa indignação ao ouvir a narrativa e o “desabafo” da aluna: Como uma pedagoga poderia se negar ensinar? Assim, lembrei-me de Paulo Freire: “O indivíduo que não se abre para o mundo e para os outros, não se permite dialogar e descobrir as curiosidades do mundo, tudo se torna incompleto sem movimento” (FREIRE. 2004, p.136). E, para mim, o ato de educar que tenho aprendido e apreendido no Curso de Pedagogia, me leva a pensar como Freire nos ensina.

Ao abordar sobre o apoio de sua família, Lucilene afirma que “ minha mãe nunca me ajudou, por ser analfabeta ela dizia não entender nada. Esta fala nos faz entrar numa questão muito interessante para discussão de como um analfabeto reproduz o que a sociedade letrada pensa dele e de como essas afirmativas acabam gerando um estigma em torno desse sujeito. “O estigma de ser analfabeto ao revelarem-se culpados por suas própria condições, já que a sociedade tende a considerar como incapaz [..]” (SANTOS E SILVEIRA. S/ data, p.2).

Numa sociedade letrada, tecnológica, urbana e industrial onde o que vale é o saber científico, os analfabetos são excluídos, pois nessa sociedade são considerados como incapazes ou pessoas que “não entendem de nada” como a mãe de Lucilene se vê. Isto acontece porque o sujeito internaliza esse estigma e passa a não acreditar mais em si. Para Freire (1994, p.28) “De tanto ouvirem que são incapazes, que não sabem nada, acabam se convencendo de sua incapacidade”. A sociedade letrada faz questão de deixar bem clara a situação do analfabeto e faz de tudo para desmotivá-lo e utiliza a ambiência escolar para desqualificá-los e excluí-los, mas no interior das escolas estão surgindo propostas para mudar esta situação como é o caso da professora de Artes, Angélica, da Escola Municipal Mario Quintana, que vem articulando os conteúdos específicos da disciplina com as histórias de vida de seus alunos, ou seja, que parte da realidade dos sujeitos para construir conhecimentos, coletivamente.

Voltando ao diálogo estabelecido a partir das narrativas das alunas, destacamos outra importante questão que nos ajuda a compreender melhor as trajetórias das educandas e pode, também, nos dar pistas de como compreender as diferenças, as possibilidades e dificuldades enfrentadas pelos educandos da EJA – as dificuldades que apresentavam/apresentam para estudar:

Para poder estudar a minha filha vai para a escola no mesmo horário, pois não tenho uma pessoa para tomar conta dela se ela estudasse num outro horário. Meu marido trabalha o dia inteiro e minha mãe não mora perto de mim, assim não tenho ninguém para tomar conta dela então está é minha maior dificuldade (MARCELLE).

Minha maior dificuldade é conciliar o dia-a-dia, porque tenho as minhas tarefas de casa para fazer. Mesmo com ajuda da família tem coisas que só eu posso fazer. Os professores não querem saber disso, eles são insensíveis, tenho que me virar em três para dar conta (CARMEM).

A dificuldade que tenho é de conciliar a escola com os meus filhos. Sempre chego atrasada, pois o meu horário de entrada coincide com o horário da escola das crianças. Às vezes tenho que faltar aula para levar meu filho mais velho ao médico porque ele nasceu com um leve retardamento. Não possuo ajuda do pai dele, então tudo fica nas minhas costas (LUCILENE).

As falas das alunas nos apresentam as dificuldades que enfrentam no seu cotidiano para se manterem na escola. Marcelle diz que “para continuar na escola escolheu o turno da

tarde”, já que não tinha ninguém para cuidar da sua filha no horário da manhã. Para resolver está situação ela decidiu estudar próximo à escola da filha, assim quando fosse para escola deixaria, primeiramente, a filha em sua escola para, depois, encaminhar-se-ia para sua. “Mesmo com essa pequena dificuldade não vou desistir do que eu quero evito chegar atrasada e participo de todas as atividades, pois quero aprender e ter oportunidades”, ela nos diz. Ao ouvir essa declaração de luta e anseio para concluir sua escolarização e, quem sabe, continuar, percebo que Marcelle vê a escola como uma porta de oportunidade para o seu futuro. Para Arroyo os jovens não deveriam vincular-se à escola acreditando que ela seja um projeto para o futuro e sim vincular-se acreditando que seja um projeto para o presente, o agora, pois é no presente que esses sujeitos têm que lutar para sua sobrevivência. De acordo com ele:

Para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, não se vive da esperança de um futuro, tem que se viver é dando jeito no presente. O presente passa a ser mais importante do que o futuro. [...] Uma coisa é estudar para o futuro e outra coisa é preparar-se para sobreviver um presente esticado, sempre esticado, sem horizontes para o futuro.

Arroyo nos ajuda a pensar uma escola para jovens e adultos que os ajudasse a encontrar possibilidades para superar as adversidades do dia-a-dia. Esta proposta de olhar para educando como sujeito de sua própria ação e tentar ver meios de melhorar a qualidade de vida deles no presente e, o futuro sendo uma continuidade dessas ações em função dos sujeitos da EJA, ou seja, com perspectivas de transformação.

E é para isso que Freire tenta chamar a atenção dos educadores em relação aos alunos: “reforçar a capacidade crítica deles, sua curiosidade, sua insubmissão e também respeitar os saberes sociais que eles trazem consigo e tentar compreender a realidade deles”. Mesmo que nos meios educacionais debatam sobre o papel do professor de como ele deve se aproximar da realidade do aluno, alguns professores não conseguem mudar as suas práticas, porque estão imersos numa educação centrada no ensino, e não no aluno. O depoimento de Carmem denuncia esta prática, quando ela afirma que “os professores são insensíveis não compreendem o nosso esforço”. Com este relato a aluna mostra desejar mais compreensão por parte dos professores, ou seja, uma apoio a mais pelas dificuldades que ela já enfrenta no seu cotidiano. No entanto, temos que observar que este mesmo professor também sofre com o

descaso do governo que não remunera bem seus profissionais de ensino tendo eles que trabalhar o triplo para ter condições mínimas de vida e, mesmo assim, não tendo seu trabalho valorizado.

Já no depoimento de Lucilene, a aluna expõe a dificuldade de se adaptar às normas que a escola estabelece, pois ela tenta conciliar seus estudos com a criação dos seus filhos. Ao conversar comigo sobre suas expectativas sobre escola em sua vida, ela afirma que: “a escola é o lugar para recuperar o tempo perdido e não estou aqui para perder tempo como os outros” Esta afirmativa aconteceu porque o nosso encontro foi realizado em sala de aula, no entanto ela ficou incomodada com as brincadeiras e conversas inapropriadas dos seus colegas de turma. Ela diz que: “É complicado assistir aula com eles, pois essas atitudes que você esta vendo são todos os dias não levam nada com serenidade”. Essa situação é muito complicada, pois os alunos da Educação de Jovens e Adultos ao retornarem a escola reproduzem ações infantis, ou seja, por vezes apresentam atitudes de crianças, como: querer conversar toda hora, incomodar as aulas dos professores. “Cada idade tem suas verdades, suas experiências, segredos. [...] Contudo, através da multiplicidade sucessiva das idades, cada um, sem perceber, carrega, presente em todas as idades, todas as idades. A infância e a adolescência não desaparecem na idade adulta, mas são recessivas[.]” (CORTADA E DIAS. 2005, p. 85-86). O pensamento acima mostra que não importa a idade, os alunos da Educação de Jovens e Adultos têm necessidade de reproduzir certas ações, pois trazem com eles um modelo de escola. Outra questão que chama atenção no depoimento é a visão da aluna quanto à escola, esta é vista mais uma vez como um meio para melhorar sua condição social. Segundo Cordata e Dias (2009.p.3) : “ O retorno ao sistema educacional guarda a esperança da apropriação de um saber que induz a uma vida melhor, à assunção de um trabalho remunerado digno, autonomia da vida diária ou simples resgate da escolaridade abandonada ou renunciada pelas agruras do viver”.

As minhas andanças pela modalidade da Educação de Jovens e Adultos me fez prestar mais atenção às dificuldades que esses sujeitos possuem, então, fiquei tentada a descobrir entre as minhas entrevistadas quais eram as dificuldades de estar na escola, todavia as alunas Ana, Dalva, Fabiana, Maria Inês e Maria Núbia não quiseram responder. Esta negação me

instigou a refletir o porquê da atitude? Será o medo de serem estigmatizadas por revelar as suas dificuldades e por isso não as revelaram. Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos são pessoas que vêm de um longo processo histórico de humilhação e opressão, pois para sociedade capitalista são tidos como incapazes e sem valor. Assim, fiquei pensando que ao responder ao questionamento acerca de suas dificuldades muito poderiam expor de suas fragilidades, assumindo tal incapacidade e incompetência de ter sucesso escolar e profissional.

Enfim, após termos dialogado sobre suas trajetórias e processos de escolarização, buscando a memória do passado, passando pelas dificuldades encontradas no presente, chegamos a um olhar perspectivo. Assim, quarta questão feita às educandas da EJA relacionava-se às pretensões para o futuro e elas disseram que:

Eu quero fazer tantas coisas no futuro, gostaria de ser enfermeira, pois adoro cuidar das pessoas. Mas, estou com um pouco de medo, é muita responsabilidade, é a vida da pessoa que estará em minhas mãos. No entanto, quem sabe posso trabalhar também com massoterapia ou estética ou uma coisa assim na área da estética (MARCELLE).

Eu pretendo no futuro fazer faculdade de estética e também pretendo terminar agora o meu terceiro ano na Educação de Jovens e Adultos aqui no Tarcísio Bueno. Mas tenho a expectativa que o ano que vem estarei fazendo faculdade de estética na Estácio, pois desejo me desenvolver nesta área (MARIA INÊS).

Gostaria de ser professora de matemática, venho faz tempo pensando muito nesse assunto, mas tenho medo porque a matéria na escola é uma e na faculdade deve ser muito difícil. Então, tenho uma segunda opção devo fazer enfermagem, adoro cuidar de pessoas me sinto muito bem fazendo isso (CARMEM).

Fiquei intrigada com as respostas que recebi sobre as expectativas para o futuro, pois pensei que elas não desejassem ir para faculdade e para minha surpresa, boa parte das entrevistadas deseja ingressar no meio acadêmico. Mais um fato chamou-me a atenção: foram os cursos escolhidos por elas: as profissões selecionadas estavam mais voltadas para área de humanas que para a área da exatas. Os depoimentos mostram que a escolha profissional pode, também, dever-se ao fato de estar internalizada nelas o que a sociedade considera como profissões destinadas às mulheres, pois a forma como se colocam parece reproduzir características que, historicamente, são relacionadas às mulheres, às mães: sensibilidade, cuidado, zelo, carinho etc, como se fosse por vocação ou dom.

Já Ana respondeu: “desejo terminar pelo menos o quinto ano, quero muito aprender a ler e a escrever, acho necessário. Não penso em ir para o Ensino Médio e nem faculdade, estou velha, só quero mesmo aprender a assinar meu nome e fazer continhas”. Esse desejo, que a princípio parece tão simples: o de aprender o que é considerado mínimo em uma escolarização – ler, escrever e efetuar as operações, mostra a força de vontade da Ana, que trabalha o dia todo em casa de família e, à noite, vai para escola realizar seu sonho. Acho que a aluna quer autonomia, está cansada de depender da ajuda de outras pessoas, ela demonstra querer agir sozinha. Porém “não basta aprender a ler e a escrever para deixarmos de ser a sombra de alguém, é preciso muito mais que isso” (FREIRE. 1994). O pensamento de Freire nos ajuda a refletir sobre a leitura do mundo e a forma como você o transforma, e o aprender a ler e a escrever ajuda nesta transformação que é contínua e dialética.

Para Dalva o futuro seria a oportunidade de instruir-se mais: “eu quero ter saúde para chegar até o quinto ano, se Deus quiser, mas, fico muito cansada, minha vida é uma luta, cuido da minha ex-patroa. Ela já me aposentou, porém como está com câncer, resolvi ajudá-la”. Mesmo já estando com idade avançada, ela não deixou de ajudar sua ex-patroa, Dalva poderia estar se dedicando somente aos estudos, no entanto ela preferiu apoiar alguém que considera uma amiga de tantos anos. Então, ela passou a dividir seu tempo entre a escola e o trabalho.

Há, também, um comprometimento entre estas mulheres, uma solidariedade que nos parece própria ao pertencimento às classes populares. Durante o período dessa pesquisa senti a solidariedade e o acolhimento dessas mulheres comigo, todas foram de forma muito carinhosas e atenciosas me acolheram como se eu fizesse parte da família. É assim que elas se vêem como uma grande família com um objetivo comum a todas ter direito a cidadania que é negada pela sociedade letrada, assim uma apoiando a outra para derrubar barreiras e superar estigmas. Os refeitórios das escolas pareciam uma sala de jantar de uma família, pois todas estavam sempre rindo, brincando e conversando como fosse um encontro de família, fato difícil de se ver nas escolas de modo geral.

Na medida em que, as entrevistas foram acontecendo num tom de diálogo e descontração, senti a necessidade de perguntar à Fabiana e à Maria Núbia sobre os projetos para o futuro e, ao serem questionadas, elas ficaram caladas, mas por minha insistência, elas também se colocaram:

Não penso em fazer faculdade, pois meu marido está embarcado trabalhando. Só tenho cabeça para pensar nele e, quando ele voltar não quero sair de casa, quero estar com ele o tempo todo. Sinto muito a falta dele, então tenho que aproveitar. Daqui a dois anos voltaremos para o Rio Grande do Sul, vamos nos casar, estou tão ansiosa, já até comprei o vestido. É lindo. Quero casar na igreja da nossa cidade onde nos conhecemos. Será muito lindo (FABIANA).

Quero terminar meus estudos e ter uma futuro melhor, vim da Bahia para trabalhar, não é fácil, mas encontrei uma profissão legal como babá. Adoro o que faço, pois me divirto com a molecada. Porém, não tenho a pretensão de fazer faculdade tenho filhos para criar e me sustentar (NÚBIA).

Ao ler a narrativa de Fabiana e se prestarmos a atenção vemos que a temática central do seu depoimento é o amor, quando ouvi e transcrevi esse relato tive que me desprender do preconceito, pois cresci numa sociedade capitalista onde se incentiva o individualismo e a dimensão material, geralmente, está acima da dimensão emocional. Refletindo acerca desse assunto fiquei me indagando: como ela poderia abandonar projetos pessoais em função de outra pessoa? Por outro lado, o que teria de errado na opção pelo amor e pelo futuro comum? Como abrir mão da autonomia, da liberdade? Por outro lado, por que não podemos conciliar a autonomia com o convívio coletivo? Algumas questões foram sendo suscitadas pelo depoimento da educanda e, sem buscar analisar, é preciso compreender como as diferenças de expectativas convivem entre os alunos da EJA e, ainda, como razão e emoção estão presentes em todos os espaços e, tal fato, também, é relevante em nossos cotidianos escolares e precisa ser levado em conta.

No caso de Maria Núbia o depoimento mostra que ela não pensa em seguir seus estudos até a faculdade e este desinteresse parece ser por causa da luta do dia-a-dia, já que ela tem que trabalhar para sobreviver e, como ela mesma afirma, em relação à profissão de babá: “adoro o que faço”. Muitas vezes, julgamos o aluno, quando este afirma não querer progredir nos estudos, mas devemos compreender que algumas escolas ainda não atendem as necessidades deles, então fica difícil querer estudar se não percebem possibilidades de

transformar suas realidades de vida.

A partir das reflexões acima, podemos pensar: não podemos sonhar o sonho para o outro: se para mim, a faculdade é o sonho; para outra, é o amor. E, os sonhos se transformam, constroem e re-constroem. Fica o convite para ouvirmos mais o que nos dizem estes sujeitos da EJA, cujas trajetórias de vida podem ser enriquecedoras e nos anunciar possibilidades de práticas pedagógicas mais comprometidas com a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, como espaço sócio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente por um conjunto de normas e regras , que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos[.] (DAYRELL. 2001. p. 137).

Dayrell conceitua muito bem o papel do espaço escolar, pois para ele a ambiência escolar é um “espaço sócio-cultural”. Porque é um espaço sócio-cultural? É social e cultural, porque os sujeitos travam relações entre si e com o espaço escolar. Ao interagirem com esse

espaço eles vão aprendendo a lidar com a cultura da escola e a cultura deles e transformando-as, bem como transformando as diferenças em experiências. Neste sentido, a escola se apresenta como um campo de pesquisa fértil, ou seja, um espaço em que várias possibilidades de investigação vão se anunciando em função destes sujeitos cotidianos. Assim, minha pesquisa, no primeiro momento, consistiu em analisar duas escolas da rede estadual de ensino que oferecem o ensino de EJA e esta análise deu-se por meio de fontes documentais. Já no segundo momento decidi conhecer as trajetórias de vida das alunas da EJA e refletir acerca dos depoimentos das mesmas, considerando este momento o mais importante, pois ao ouvir os sujeitos sócio-culturais da EJA, muito foi desvelado e revelado dos cotidianos das escolas em questão.

No primeiro capítulo da pesquisa apresentei as duas escolas por meio das suas histórias, projetos políticos pedagógicos e de seus métodos avaliativos, após esta apresentação criei um sub-tema para abordar sobre as diferenças e semelhanças das escolas analisadas a Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração e o Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno. As instituições pesquisadas apresentaram diferenças no seu oferecimento de ensino, pois a Escola E. E. S. Nossa Senhora do Sagrado Coração oferecia o Ensino Fundamental do 1º ano até o 5º ano, o seu público-alvo eram mulheres, na sua maioria, empregadas domésticas que trabalham no bairro de Icaraí, o seu método avaliativo eram por relatórios semestrais nos quais a professora relatava as dificuldades e os progressos das alunas. Já o Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno oferece os nove anos do Ensino Fundamental e os três anos do Ensino Médio. As vagas são destinadas para ambos os sexos, e a metodologia avaliativa do Ensino Fundamental é de relatórios semestrais e do Ensino Médio, provas semestrais. Mesmo sendo escolas da rede estadual um ponto interessante é que elas são completamente diferentes entre si, pois uma era de caráter religioso que só aceitava mulheres, não possuía prédio próprio e a outra escola é de caráter liberal que aceita turmas mistas e tem seu próprio prédio. As instituições mesmo possuindo características diferentes entre si, um fator semelhante que chama atenção é a preocupação delas com a formação do sujeito como cidadão crítico consciente dos seus direitos e deveres.

No segundo capítulo dei ênfase às trajetórias de vida das alunas da EJA. Neste

capítulo busquei refletir sobre algumas temáticas, tais como: escolaridade, família e perspectivas futuras. Quando, o tema foi escolaridade, percebi das entrevistadas Marcelle, Carmem Lúcia, Maria Inês, Dalva, Ana e Maria Núbia uma grande necessidade de superar barreiras, a aprendizagem da leitura e da escrita significa uma vitória contra os estigmas que lhes foram inseridos pela sociedade letrada; e a cada obstáculo derrubado elas passam a se valorizar mais, elevando assim sua auto-estima. A cada progresso que dão elas se sentem motivadas para retornarem às salas de aula, mas isso aconteceu, pois elas buscam autonomia/independência para suas vidas. “O fato de aprenderem a escrever os próprios nomes e deixarem [...] de depender de outras pessoas ao realizarem as mais diversas atividades, já é uma grande vitória para esses adultos e um motivo a mais para elevarem seu valor” (SANTOS E SILVEIRA. 2008, p.2). Os autores mostram que quando os sujeitos dominam, minimamente, a escrita eles se sentem pessoas importantes /cidadãos e consideram que a partir daí, fazem parte da sociedade letrada.

Essas narrativas apresentaram uma lição de vida, força, coragem e superação para seguir adiante, mesmo com todas as dificuldades surgindo no dia-a-dia das educandas da EJA, percebemos que são mulheres de fibra onde o querer vencer barreiras grita mais alto no interior delas, mesmo tendo sua auto-estima desvalorizada por uma sociedade que lhes nega o direito à cidadania, dão a volta por cima e correm atrás dos seus objetivos.

Muitas outras questões poderiam aqui ser trazidas ao diálogo novamente, tentando abarcar as tantas reflexões feitas e suscitadas no interior do trabalho, mas, como um texto nunca está pronto, pois a leitura se dá na interlocução do leitor com o texto e com os muitos sujeitos que se revelam no texto, considero que é o momento de terminar, mesmo que de forma provisória e deixar esta pequena contribuição, com tantas mulheres que falam e, dentre elas me incluo, a dialogar com os possíveis leitores que conosco quiserem compartilhar esta experiência investigativa.

Para finalizar este trabalho que foi prazeroso e ao mesmo tempo difícil, busco inspiração em Gonzaguinha, na canção: O que é o que é? que sintetiza, para mim, a modalidade da EJA. “[...] Viver! E não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e Cantar e Cantar a beleza de ser um eterno aprendiz ... Ah meu Deus!! Eu sei, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita é bonita é bonita e é bonita [...]”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em Tempos de Exclusão. Alfabetização e Cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos, São Paulo, n.11, p.9-20, abr.2001.

ARROYO, Miguel. Que Educação Básica para os Povos do Campo? Seminário Nacional “Educação Básica nas Áreas de Reforma Agrária do MST”; set.12-16; Luziânia. Goiânia: 2005.p.1-7.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Histórias de Vida e Práticas de Formação. In_____. (org.) (Auto) Biografia e práticas de formação: lugares de aprendizagem e (re)invenção de si. Rio de Janeiro: Ed. Vozes; 2008. P.253-271.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/-Leis/L8069.htm>. Acesso em 27 de jan.2010.

BRASIL. IBGE. Disponível em:<http://www.ibge.com.br/home/presidência/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticias=1476&id_pagina=1> Acesso em 28 de jan.2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394> acesso em 22 de jan. 2010.

CARDOSO, Mona Lisa F. Em busca do Tempo Perdido. In: GARCIA, Regina Leite, VALLA Victor V. A Fala dos Excluídos. Rio de Janeiro: Caderno Cedes, n. 38; 1996.p. 32-40.

CORDATA, Silvana de Oliveira. DIAS, Elaine T. Dal Mais. Educação de Jovens e Adultos: Território de Manifestação de Subjetividades. Notandum (USP), v.13,p.78-86,2009.

DAUSTER,Tania. Uma infância de curta duração: trabalho e escola.Cad. Pesq., São Paulo, n.82;1992.p.31-36.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A Escola como Espaço Sócio- Cultural. In:_____ . (org.) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed UFMG; 2001. p.136-159.

DUARTE, Lidiane. Disponível em: < www.infoescola.com/historia/governo-de-joao-goulart-jango> acesso em 08 de jan. 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. 1ªed. São Paulo: Editora UNESP; 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido.23ªed. São Paulo: Paz e Terra; 1994.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. Rev. Fac. Educ. [periódico internet]. 1997 jan. [acesso em 2010 jan.16];23(1-2):[aproximadamente 11 p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002 & Ing= em &nrm=isso

HADDAD, Sérgio; PIERRO,Maria Di.Escolarização de Jovens e Adultos.Revista Brasileira de Educação,Rio de Janeiro:n.14,p.108-130,maio/ago.,2000.

HADDAD, Sérgio; PIERRO, Maria Di.Aprendizagem de Jovens e Adultos: avaliação da década da educação para todos. São Paulo em perspectiva, São Paulo: v.14,n.1,p.29-40,jan./mar.,2000.

JESUS, Regina de Fátima de. Mulher negra alfabetizando: que *palavramundo* ela ensina o outro a ler e escrever? Tese de Doutorado em Educação. Campinas: Unicamp:2004.

JESUS, Regina de Fátima de, ARAÚJO, Mairce da Silva. A história de vida como texto alfabetizador: rememorando uma experiência de formação de educador@s populares. In:

GARCIA, Regina Leite, ZACCUR, Edwiges. Alfabetização Reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes. 1ªed. São Paulo: Cortez; 2008. p.128-144.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 1ªed. Rio de Janeiro:Vozes;1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Aprendizagem Escolar. São Paulo:Cortez Editora; 1996.

MARX, K.; ENGELS,F. Manifesto do Partido Comunista. Estud. Av. [periódico internet]1998 set. [acesso em 2010 jan 9],12(34) [aproximadamente 30 p.]. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141998000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141998000300002&script=scisci_arttext) & script=scisci_arttext

PORTAL BRASIL < www.portal brasil.eti.br> acesso: 08 de jan. 2010.

PORTALTERRA<<http://letras.terra.com.br/Gonzaguinha/463845/o-que-e-que-e>> acesso:22 de fev.2010

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, Colégio Estadual Coronel João Tarcísio Bueno. São Gonçalo, Rio de Janeiro.2007.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, Escola Estadual de Ensino Supletivo Nossa Senhora do Sagrado Coração. Niterói, Rio de Janeiro. 2008.

SANTOS, Maria Lêda Lóss dos; SILVEIRA Mariene R. O analfabetismo como Armadilha para a produção de estigmas individuais e coletivos.Passo Fundo.Rio Grande do Sul 2008.

SOARES, Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. 15ª ed. São Paulo: Ática; 1992.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Tradução Lélío Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1998.

